EXPEDIENTE.

Roga-se aos Srs. Assignantes das provincias, que recebem a *Revista* por via de nossos correspondentes, queiram mandar renovar suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na remessa, podendo os dictos Srs. Assignantes reenviar aos corresponderes os programmas que com a *Revista* lhes teem sido remettidos, com a designação do tempo por que renovam a assignatura.

Aos mais Srs. Assignantes, a quem esta administração continúa a remetter a *Revista* se lhes roga, queiram mandar satisfazer a serie, ou series começadas no 1.° n.° do 4.° vol., e egualmente algumas series que ainda estejam a dever do 3.° vol.

— A pequena porção, que tinhamos de semente de *couve do Algarve*, foi despendida toda, em satisfazer aos primeiros assignantes, que a pediram.

— Por falta de campo não havemos ainda podido publicar as duas promettidas *memorias sobre ferrarias;* alguns interessantes artigos do nosso collaborador e amigo o Sr. *Sousa Telles* e *outros*.

— Pela mesma razão, se tem mettido tão largo intervallo na impressão da *viagem de duas mil leguas*. Tornaremos a ella para não mais a interrompermos, logo que hajamos concluido, no seguinte numero a *Viagem a S. Marcos*.

— As reflexões do *sr. sem nome* contra os diminutivos seriam impressas para debique se a falta de grammatica de seu auctor as não tornasse quasi inintelligiveis. Como bons amigos lhe aconselhamos que a aprenda; depois, um tudo nada de logica; dois dedos de rethorica; de elementos de civilidade quanto baste; e appareça: talvez então nos possamos intender: cá o esperamos para o anno de 1864.

CONHECIMENTOS UTEIS.

SALVAMENTO DE AFOGADOS.

3278 A REAL sociedade ingleza, estabelecida em *Hyd-Park*, para promover com todo o genero de soccorros, o salvamento dos afogados, distribuiu gratuitamente, pelos fins do mez passado, um folheto, onde se ensinam os remedios mais efficazes para tal fim.

Em primeiro logar, prohibe os meios violentos, taes como o virarem o afogado com a cabeça para baixo; o esfregarem-n'o com saes, ou espiritos; empregar fumigações ou infusões de tabaco.

Depois recommenda, como condições necessarias para se chegar a bom exito, que logo que se tira da agua o corpo, se deve levar com toda a pressa, mas tambem com todo o cuidado, para a primeira caza que se encontrar, indo a parte superior do corpo levantada; — se está vestido, despe-se logo; e enxuga-se muito bem; — embrulha-se em cobertores quentes, ou mette-se em uma cama quente; — esfrega-se todo o corpo com a mão muito depressa; — limpa-se-lhe a bocca e as ventas; — corre-se-lhe o espinhaço com um esquentador; — põe-se-lhe bexigas ou botijas cheias de agua quente em cima do estomago, nos sovacos, entre as côxas, e nas sollas dos pés; — fomenta-se o corpo com flanellas bem quentes; e, podendo ser mette-se em um banho quente, tão quente quanto a mão possa suportar; sendo este o meio mais prompto para revocar o calor vital; — applicam-se ás ventas saes volateis, ou fumo de raspas de veado; — logo que torna em si, faz-se-lhe beber um pouco de vinho quente, ou agua quente com agua-ardente; — deita-se o enfermo na cama em posição commoda para adormecer, e procura-se que não haja nada que o incommode, nem o commova.

Deve-se teimar na applicação dos meios sobredictos, por espaço de tres ou quatro horas, porque é uma opinião errada a que tem muita gente, que diz, — que se n'esse tempo não apparecem signaes de vida, já não ha que esperar: — muitas vezes se tem visto realisar-se mais tarde a ressurreição.

N'este folheto se contém de mais os remedios, que se hão-de empregar nos casos de asphyxia, resultante de estrangulação, de ar mephitico, de apoplexia, de embriaguez, etc.

E' uma d'aquellas obras que todos os governos deveriam espalhar gratuitamente, e todos os jornalistas annunciar e extractar. Por falta de tão faceis conhecimentos, muita gente morre todos os dias: ¿quantos dos afogados em rios ou no mar, de quem nos precedentes numeros havemos dado noticia, se não haveriam talvez salvado se alguem, dos que ahi se acharam presentes, houvesse noticia d'isto? Agora perguntamos nós a alguns srs. parochos, — ¿não será por ventura obrigação de consciencia o transmittirem a seus freguezes esta instrucção, já nas conversações, já quando o povo está juncto na estação da missa ao domingo?! ¡¿o ensinar a preencher deveres de caridade, será nunca estranho ao seu ministerio?! um parocho não é um homem, que tem uma corôa e uma estola e mais nada; é, e não póde deixar de ser, um mestre, um conselheiro, um amigo e um pae; o povo percebe e distingue já isto maravilhosamente. ¡Decidi-vos a ser paes, que isso quer dizer padres, ou deixae o officio!

PROVIDENCIAS SOBRE INCENDIOS.

3279 Á FALTA de abundantes depositos de agua, para accudir a incendios, se tem muitas vezes atribuido, em Lisboa, o não se atalharem elles no seu principio, e chegarem depois a um grande auge: por outra, a falta de taes depositos deve ter causado e ha-de necessariamente causar ainda grandes perdas de fazenda, e, o que é peior, perda de vidas. Para remediar esta falta, lembra um amigo nosso uma providencia facil e sem dispendio, que nos parece sem objecção, e que por isso esperamos ver quanto antes abraçada.

Ha no aqueducto das aguas livres registos para os differentes chafarizes, que d'elle se alimentam; apenas tocar a fogo, tapem-se todos estes registos, e a agua que por elles se havia de divertir, ajuncte-se toda para o d'aquelle ou d'aquelles, que, por mais visinhos ao logar do fogo, deverem ser n'essa hora os procurados: a agua, que em taes lances val oiro, abundará aonde é mistér, emvez de estar correndo ao longe sobre lageas desertas: no verão principalmente é que esta economia se torna indispensavel pela grande escacez, a que chegam aqui as aguas n'esta estação. Quem póde calcular, que devastação haveria feito o recente incendio do *Pelourinho*, se não occorresse que a visinha cisterna do S. Francisco encerrava alguns centenares de pipas d'agua, com que se obviou á fatal

demora que teve em chegar a insuficientissima dos chafarizes menos remotos.

Sobre o modo de conduzir a agua para os fogos, tambem nos parece que ha importantes melhoramentos que fazer, dos quaes n'outro numero fallaremos.

AGUAS LIVRES.

(Carta.)

3280 Lendo, na *Revista* o artigo 3150 não pude resistir ao desejo de dizer o que intendo, sobre a sua doctrina. Não é minha intenção impugnal-a, mas sim expender algumas razões dedusidas de factos.

A agua livre já foi analysada, e sua analyse vem no quadro analytico das aguas potaveis da capital, publicado no *jornal da sociedade pharmaceutica lusitana*, tomo 1.° pag. 122. A analyse porém, demostra os contentos da agua, e não melhora a sua qualidade. Se é má ¿ como será possivel subtituil-a por outra melhor? As aguas das immediações de Lisboa abundam pela maior parte, em saes terreos e calcareos; defeito que provém dos terrenos que precorrem. Este defeito não é novo, nem o é o deposito que ellas deixam nas cafeteiras em que se fervem: verdade é que por ser antigo, não deixa de ser um mal, que se fôr possivel, se deve remediar. Entre tanto as aguas são limpidas, innodóras, e sem sabor, pelo menos mui sensivel. Dissolvem soffrivelmente o sabão; cosem os legumes, não abundam em substancias organicas, e conservam, por muito tempo, a sua incorruptibilidade. Até as novas aguas, que aos particulares tem sido permittido introduzir nos aqueductos, em vantagem commum, são sempre previamente analysadas e declaradas competentemente boas, e potaveis.

Parece que só se podem melhorar, umas e outras, por meio de providencias policiaes. Nomeando-se homens intendidos e officiosos que vigiem sobre o aceio dos barris, sempre expostos á poeira, e sem as necessarias lavagens, de tempos a tempos, sobre a limpesa das calhas, e chafarises; e até sobre a possivel inquinação das aguas, por substancias lançadas pelo vento, e acarretadas pela corrente, antes de entrarem para os canos geraes. Estabelecendo-se ventiladores, e filtrações artificiaes em certas distancias, e depositos; melhorando a naturesa das calhas, fazendo-as de materia, sobre que a agua em continuo fluxo não tenha acção alguma dissolvente. Bem sabido é de todos, o que succede com a pedra calcarea e com as argamassas. Ouvindo finalmente, sobre esta materia, o parecer de ingenheiros e chimicos habeis, e efectuando as providencias, por elles sugeridas.

E' para sentir, se isto se não fizer; mas nem por isso a ex.ª camara póde, ou deve ser arguida: casos ha que podem mais que as leis. Antigamente havia, em continuo trabalho, uma multidão de operarios nas obras das aguas livres: canteiros picando as pedras; trabalhadores limpando as calhas, e obstando ao accumulamento das incrustações calcareas etc. Esta gente foi despedida e desde então aquellas limpezas diminuiram, e assim havia de ser necessariamente. A camara não póde satisfazer aquelle costeamento. Algum dia entrava o real da agua nos cofres das aguas livres, para d'elle se satisfazer o unico objecto para que se devia applicar. Associou-se depois, á fabrica de seda, e muitas vezes lhe foi de proficuo soccorro. A final, passou para o thesoiro, e entrou na massa commum dos mais tributos, e seguiu egual destino. A camara tendo de receber d'alli os meios para sustentar aquellas despezas, nem sempre os póde haver; ¿e n'este caso que ha-de fazer?

Ahi temos nos outra providencia de que urgentemente se necessita; mas que topa nas mesmas insuperaveis difficuldades. A capital vae experimentando falta de agua. Consta-me de uma auctoridade, que tenciona, dirigir-se aos senhorios de predios, que teem poços, no seu districto para os convencer a facilitarem ao publico a extração de agua, para maior commodidade, e quando elles, a isto se neguem, representar a superior instancia. Isto parece bem lembrado. Porém escusar-se-hia esta pratica, se a camara tivesse meios para concluir o pouco que falta na encanação das excellentes e copiosas vertentes de Carnaxide. ¡Que obra! que formosura! que utilidade!

Lisboa 17 de julho de 1844.

Henriques José de Sousa Telles.

PRESERVATIVO CONTRA AS PULGAS.

3281 Tome se uma onça de camphora, reduza-se a pó grosso com mistura de meia oitava de álcool; feche-se n'uma caixinha de folha de Flandres, com a tampa crivada de buraquinhos miudos; e tenha-se, todo o dia, dentro na cama até á hora do recolher, em que se deve retirar e pôr para longe.

A camphora deve ser renovada de mez a mez. Será bom que o inimigo de pulgas não commetta esta tarefa a criados, que podem, por desleixo, deixar de a cumprir, e expondo-o a insomnios escusados, desacreditar uma receita tão facil e tão util.

Braga 5 d'agosto de 1844.

José Joaquim Lopes da Silva.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

S. BERNARDO.

20 de agosto.

3282 Não ha ainda muitos annos o que dia d'este glorioso doctor da egreja, e fundador de uma das mais possantes ordens religiosas, era solemnisado com a mair pompa n'este Portugal em muitos conventos reaes, populosos como boas villas, ricos e opulentos como cidades, e havidos então por inexpugnaveis e eternos.

S. Bernardo foi contemporaneo de D. Affonso Henriques: a sua ordem, favorecida por todos os nossos monarchas, cresceu aqui por espaço de septe seculos, e escreveu o seu nome largamente nos fastos da patria, como fautora da agricultura dos bons costumes, das lettras, das artes e da civilisação segundo a indole e idéas de cada seculo.

¿Que resta de Alcobaça, que chegou a contar novecentos e noventa e nove religiosos? D'essa Alcobaça, esplendida capital de tão florente povo claustrado! — Está deserta; desata-se em ruinas; nenhuma voz, nenhuma luz lhe recordará o seu dia grande: as suas riquezas estão dispersas; as suas estatuas degoladas; os seus filhos comem o escasso pão da esmola debaixo do tecto dos profanos.

ADVERTENCIA.

A *Viagem a S. Marcos* poderia ser taxada, talvez, de nimio extensa e prolixa em relação ao objecto, se o empenho que n'ella teve o joven auctor, imaginoso e poeta, e com que tão bem saiu, não fosse o mui louvavel de nos fazer assistir a uma d'essas funcções campestres, folgasãs e religiosas, que semeiam longas saudades, sendo já saudades ellas mesmas, e que a secularidade do nosso tempo, até lá pelas provincias, tem quasi abolido. Se todos folgam de ler o que viu e pensou um estrangeiro, viajando em sua terra ou nas terras apartadas, entre gentes com quem nada temos, nem havemos de ter nunca, incoherencia fôra, e grande, desdenhar a relação de uma curta e quasi doméstica jornada, que nos mostra, bem pintados, sitios dos mais amenos do nosso Portugal, trajos e costumes, não da Ukrania ou do Egypto, mas dos nossos aldeões de diversas partes. Aquelles a quem estes povos e logares forem já conhecidos, encantar-se-hão com a fidelidade do retrato; aos restantes (que são o maior numero) deleital-os-ha a novidade da coisa, realçada pelo phantasioso do estylo.

UMA VIAGEM A S. MARCOS EM MAIO DE 1843.

3283 Era no desfazer d'um baile, ao alto da escadaria do portal. Um grupo de cavalheiros, desleixadamente encostados aos umbraes da porta, espreitava os semblantes pallidos e gastados das bellas dançadeiras da noite, que passavam involtas em seus longos chailes, tão languidas, como os desenrolados anneis do seu cabello, que pelas faces se lhes íam mollemente espreguiçando. E mais de uma olhadura meiga e suavissima se trocava n'aquella passagem rapida, e tão galantemente saudosa.

E no grupo dos mancebos trocava-se tambem uma palavra suave e como que mysteriosa: — ¡ S. Marcos! — E bem mysteriosa para mim que ignorava cuja senha fosse, se o era. «S. Marcos! lhes disse,... ¿que S. Marcos é o vosso?» E aqui foi o rir dos moços descompassado, cercaram-me, e me interrogaram, attonitos d'esta ignorancia: «¿Pois não sabes da romagem da Ascensão? do Cruzeiro Sancto? dos leões de pedra? dos freixos gigantes?»

E eu nada sabia de tudo isso. — «Mas como ha lá uma cruz que se adora, um freixo, que nos dê sombra, uma romagem onde se dance; seja o que for, serei dos vossos.» E alli ajustámos a nossa cavalgada para ás 6 da madrugada em direitura a S. Marcos no dia da Ascensão, e das flores.

Eis-ahi como vae tudo pelo nosso Portugal, que as belleza, e os prodigios da nossa terra, somos os primeiros a ignoral-as. Alli, a dois passos da cidade, a formosa maravilha de S. Marcos, e eu sem a conhecêr. Coimbra, com os seus campos viçosos, com o seu placido Mondego, com o seu clima de rosas, é um dos mais bellos florões da corôa portugueza; S. Marcos é das perolas mais gentís d'esse florão; e eu não sei d'essa perola. Pois hei de vêl-a e examinal-a; e se Deus for servido hei-de celebral-a em minha humilde prosa, e cantal-a em minha frouxa rima.

Batiam as 6 horas da manhã na torre de Sancta Cruz, em quinta-feira de Ascensão, de maio de 1843. E uma comprida, e vistosa cavalgata enfiava a trotar pela rua de Sancta Sophia, e se endereçava ao campo de Bolão. — ¡ Oh! como é formoso aquelle campo em uma fresca manhã de primavera, com as suas verdes messes em botão, a desabroxar viçosas da terra, e a matisar o roxo d'aquelle torrão egual e forte! ¡ como são gentis essas duas fileiras immensa de alamos agigantados, por entre cujas folhas buliçosas se vê o Mondego a lusir em espadanas de diamantes! ¡ Como são lindos esses chorões, e esses salgueiros, a debruçar-se nas aguas crystalinas; e essa relva tão vivente a matisar o caminho; e essas boninas a vicejarem a través dos caramanchões macios; e essa arêa do leito velho, a espreguiçar-se pelo campo immenso, em linguetas informes, e successivas; e essas velhas arvores do choupal antigo, como sentinellas perdidas dos antigos tempos no meio do areal deserto! E á direita o valle estreito e sombrio de Coselhas, com seus odoriferos pomares de larangeiras, suas quintas a alvejar entre o verdor das arvores, seus jorros d'agua a precipar-se das caldeiras, e dos assudes, e logo o valle mais largo, e mais espaçoso da Espertina com as suas variadas povoações, e quintas, a perder-se entre collinas escuras de oliveiras, e a contrastar com os oiteiros calvos, e pardos do Loreto, e da Pedrulha; e o outro valle mais mimoso de Alcarracas, com as suas vallas encrusadas a lusir entre alamos e salgueiros, assombrado com a mata antiquissima da quinta dos Varejões, e a expirar lá no cabo entre dois pinhaes melancolicos na elegante quinta da Zombaria, que ao largo se devisa a coroar gentilmente este quadro. E a cidade a ficar-nos lá nas costas voluptuosamente recostada no declivio do oiteiro, a banhar as suas plantas á beira das aguas, — tão nitida, tão resplendente, tão louçã, a campear com o seu bairro alto, e seus paços, e torres da universidade, e da cathedral no cume da montanha; — e a espreitar-nos com o seu bairro baixo, por entre as arvores corpulentas, que o cercam do lado do campo. E d'além da cidade, bem longe, como atalaia do Mondego, a bella quinta da Boavista no mais suave do oiteiro circular, a fechar o reverso do quadro, e a indicar o termo das aguas, que parece se somem á sua fralda entre rosaes e larangeiras. E na opposta margem a lapa dos Esteios tão celebrada dos poetas, toda coberta de umbroso bosque de freixos a segurar as montanhas empinadas d'aquella banda. E logo os torreões da Varzea, mal distinctos ao nivel da ponte: e os cedros antigos de Ignez melancolicos e sombrios. E no alto, lá bem no cimo do monte, em frente da cidade risonha, ostentando-se rival das suas torres o mosteiro vistoso e real de Sancta Clara. E seguindo a margem, rio abaixo, S. Francisco, e as quintas do Almegue até que o rio se perde na volta do monte, para mais não ser visto.

E nós parámos a ver tudo isto, e arrobar-nos com este mimoso quadro das cercanias da cidade; — mais mimoso, e mais arrobado ao clarão do sol da primavera, a transparecer entre a purpura do horisonte do céu; — d'esse céu tão mesclado aqui e acolá de cem diafanas brancas nuvens, que coroavam o campo, e se perdiam a pouco e pouco no asul da abobeda.

Não vão mui longe as eras, em que todo este quadro se ostentava com dobrada louçania. Já não fui d'essas eras, e tenho pena. O formoso Mondego,

que agora opprimido pela mão da arte (arte bem estupida, e fatal foi essa, que esterilisou um dos mais bellos campos de Portugal), dobra o monte nas alturas da Bemcanta, e se esconde para não mais se ver a um quarto de legua da cidade; o formoso Mondego espraiava-se outr'ora desafrontado e loução pelo meio do campo immenso, acompanhando de longe o formoso semicirculo do monte, insinuava-se ao lado da ponte vastissima da Cidreira, que lá vemos agora ao longe viuva do seu rio, tão melancolica no meio do praino; — banhava as plantas dos cem alegres povoados da margem direita; — e perdia-se com a vista na extensão do horisonte, a mais de duas leguas das cidade.

¡Que formoso e arrebatador não seria este quadro nos tempos mais ditosos de nossos avós! ¡Como seria folgada, e bella uma viagem por esse rio acima, a saudar as quintas, as villas, os logares do monte, que lá jazem agora tristes, e sem vida, porque o Mondego era a sua alegria, e o seu viver! ¡Como seria doce e magestosa essa vista da cidade visinha, a apparecer lá ao longe, e tão de longe, pela costa da montanha, a sorrir ao viajante, e quasi que a chamal-o para o seu peito variegado, para os seus braços nitidos!

D'esta scena de vida, que devêra animar o campo d'aquellas eras, resta agora o velho alveo, ainda coberto aqui e além de serras de arêa, de alagôas insalubres, e de algum velho choupo esguio, e mal ageitado, que por ahi ficou em pé, a mirrar-se n'esses areaes, onde outr'ora se balançava a ver-se no espelho das aguas. Esse praino, que foi tão lindo, o tão alegre, eil-o ahi agora ainda tão lindo, mas tão melancolico, tão profundamente melancolico.

Inda quando não fossem valiosas as mil razões hidraulicas economicas, que nos levam a crer que o encanamento e direcção das aguas, tal qual vae hoje, é errado, e emminentemente destruidor da navegação e da agricultura, bastava-nos o romantico da direcção antiga, para anhelarmos pela reforma das obras; que o rio, fazendo justiça, vae galgando, e destruindo cada anno, saudoso do seu alveo vetusto e ridentissimo.

¡Oh! quem fôra trovador d'aquellas eras!

¿Mas S. Marcos? onde nos fica a viagem de S. Marcos, que tão doidos nos extraviámos d'ella?

Deixámos a ponte de Agua de Maias, começo de obra collossal, que lá tem o seu termo ao longe, no lado oposto do campo; e que tal como as outras obras do nosso Portugal, jámais talvez se acabará. Ahi nos fica á esquerda essa intricada selva de salgueiros, e alamos, que encobre os estragos do rio; e eis-nos sobre as arêas do campo.

Uma vasta plantação de arvoredo variado cobre a parte do campo, atravessada, até ao Choupal do Bispo, em que á direita se divide o caminho para a estrada real do Porto, e em frente continua para a Cidreira. Esta bella estirada é uma larguissima rua de alamos, lançada em linha recta e tão egual e plana em sua arenosa superficie como as aguas de um lago macio. Alargou-se-nos o coração ao enfiar na formosa avenida, que é certamente a entrada mais magestosa da cidade. Os mais moços dos romeiros haviam já desapparecido no meio de uma nuvem de poeira, a galopar desatadamente e perventura na pista de alguma gentil romeira mais madrugadora, que nos ía de avançada. Os mais velhos ficavam-nos de *suporte*, (que é francesismo da moda, e vem aqui a pêlo,) balançando-se pacificamente com o desencadernado chôto de suas graves e pelludas alimarias. E eu, ao lado do meu companheiro de romaria e cavalgada, amigo bom e folgazão, sempre prompto a condescender com as impertinencias do meu desvairado alvedrio de jogral, e sempre de faces alegres e rosadas, de espirito de boa feição, e de peito liso, e sem refolhos; — eu trotava caladamente; e emquanto aquelle scismava talvez nos olhinhos travessos da dama dos seus pensamentos, scismava eu em a poesia de tudo isto, adivinhava o resto do dia; e não suspeitava nem levemente, que uma hora teria a loucura de mandar ao publico estas bagatelas.

Já nos fica ao longe o Choupal do Bispo, outr'ora tão magestoso e grande, como vasta ilha verdenegra a alevantar-se no oceano das arêas, hoje despovoado, desbastado, e abandonado, como todos os restos, que nos ficaram da provecta grandeza do clero; mas rico de alguns choupos colossaes, ainda reis desthronados de toda aquella vegetação. Seguimos agora em caminho mais tortuoso e desafrontado a mota desfeita do alveo antigo, atravessámos alguns paues, que ficaram do inverno tão visinho; subimos logo a terreno mais alto, e forte, livre da innundação arrebatada, deixando á esquerda o areal; e ei-nos outra vez em calçada mal andamosa, sobre a ponte viuva da Cidreira, tão longa, que já íamos desesperando de chegar-lhe ao cabo. Até que lá chegámos finalmente; sofreámos os nossos ginetes para dar uma derradeira olhadura ao campo tão formoso, que íamos deixar; e eis-nos a galgar o monte, caminho da Gería.

Monte chamam os do paiz tudo o que não é campo ao nivel do rio. E Gería é uma quinta formosissima, que fica sobranceira ao campo entre a Cidreira e Lavarrabos, dominando um horisonte magnifico e formoso, em frente da cidade, a distancia de tres quartos de legua, que é o que teremos andado. E' uma das quintas mais gentís das cercanies, e um dos sitios mais nomeados pela sua eleganeia e boas vistas. A casa fica no mais alto, e offerece o aspecto desconsolador de um palacio em ruinas.

D'alli nos embrenhámos em um labyrinto de caminhos ora planos, ora de trepada, mas sempre de flores e arvoredos, atravessando um paiz fertil e bello; aqui descendo a córtar alguns dos muitos valles, que do campo se entranham pelo monte, com suas vallas e alagôas; além tornando a galgar uma cumiada de largo horisonte; acolá galopando alegremente por entre os povoados espaçosos de Lavarrabos, Cioga do Campo, etc.; onde os ranchos dos romeiros aldeões nos davam os emboras da boa jornada em seus adufes, e violas.

Deixámos o valle profundissimo e triste do Rol, onde se vê ao longe a quinta do mesmo nome, e mais perto encostada ao monte de S. Fagundo. Não pude abrigar o meu coração de um sentimento de melancolia ao atravessar este valle tão ameno e triste; e acordei do meu lethargo ao enfiar o povoado de S. Silvestre, elegantemente situado por uma trepada até se debruçar sobre o campo, no alto do monte, d'onde o caminho, precipitando-se de novo, vem esconder-se pela ribeira, entre arvoredos frondosos e

amenissimos. Alli ouvimos a voz de amigo intimo, e de infancia, amigo de estudos, e de theatros, amigo de *tu*, e do coração, que acudiu ao nosso reclamo, saíndo á janella da sua bella quinta, já todo casquilho para a festa, á espera das damas da casa, que ainda não haviam largado os seus queridos toucadores; e de outro nosso amigo mais grave, amigo, e poeta, amigo bom, e poeta eximio; que talvez scismava á procura de algum consoante, emquanto tudo o aguardava para a romaria.

¿Que voserias, que repiques, que foguetes são esses, que ahi estoiram pelos ares, lá ao cabo d'aquella assomada? — «E' S. Marcos!» brada a comitiva já acrescentada com muitos romeiros e damas; — viva S. Marcos, o Evangelista! « — E nós corriamos todos folgados e prasenteiros como um rancho de rapazes atrahidos pelos sons estridentes da romagem, e todos enlevados na formosura d'aquelle magestoso grupo de casaria, de torres, de varandas, de zimborios, de muros, de arvoredos e jardins, que constituem, e rodeiam o mosteiro solitario de S. Marcos, no meio de formosa esplanada, sobre o mais alto do paiz, com dominio por todos esses campos, montes e serras do horisonte incommensuravel, até que o caminho se some em um valeiro, cinge-se depois aos muros da cêrca; e quando nos suppunhamos em alguma acanhada portaria de convento desageitado; eis-ahi os muros que se abrem de repente como a bocca de rio caudeloso em barra desafrontada; e que nos patenteam em toda a sua gala o quadro mais elegante e formoso, que eu nunca vira.

Os muros de um lado e outro da abertura immensa, que assignalam quatro elegantes pilastras, prolongam-se, singelamente cêrca a dentro, estreitando-se a pouco e pouco, até encontrar as paredes da casa, ornadas de um lado e outro de balcões, columnas, e varandas; e terminando na formosa e rica frontaria da egreja, com a sua torre mui elegante, formando o lado interior do quadrilongo. No centro da abertura, cá bem ao largo, mesmo em frente do portico da egreja e do altar mór, alevanta-se sobre sete degraus de cantaria o soberbo e bello cruzeiro de S. Marcos, feito de uma pedra inteiriça. Cêrcam-n'o, á direita e á esquerda dois freixos alentados, e uma carvalha immensa, que forcejam por nivelar os seus cocorutos com a alevantada cruz de pedra, que já lhes campeia victoriosa entre as ramadas. Estas tres arvores com outros freixos e robres mais pequenos fórmam um elegante semicirculo em roda do cruzeiro, como cortejando-o, abraçam-se com os muros de quadrilongo aberto, e contrapoem o escuro de suas frescas sombras cá de longe, com o alvo e desafrontado d'aquelles muros e frontarias.

O terreno estava coberto de um enxame inumeravel de romeiros de ambos os sexos, que atroavam os ares com o estridor dos seus zabumbas e gaitas de foles, violas, e adufes; e com o variado estylo d'aquellas alegres toadas, cada qual do seu paiz, e da sua moda. Bailava-se feriadamente sobre a relva macía; e crusavam-se os ranchos das differentes bandas, com os seus vestidos, e ademans tão variados. Aqui a grave tricana da serra com a sua pelle crestada dos ventos, e com os seus bellos olhos escuros e cabellos castanhos, a caír em desalinhados anneis á roda da cabeça; com as suas saias de borel, e seus chapéos de aba curta. Além a camponesa dos arredores com a sua lisa meia de linho alvissimo: com as suas variegadas saias, umas sobre outras donosamente traçadas, até findar na ondeada saia de durante asul das festas, arregaçada emtórno da cinta, que comprimia o liso jaqué de ganga; com o seu largo chaile immenso de caça branca, a saír debaixo das abas mais largas e immensas do seu chapéo, ornado de flores e fitas; que aformoseia e abriga do sol umas faces córadas e rochunchudas, uns olhos sonsos e mimosos, e um seio todo recamado de cordões e arrelicarios de oiro. E acolá a gentil gandaresa com as suas saias curtas e rodadas, suas torneadas pernas á vela, seu esguio jaqué vermelho ou asul mui decotado, de vastos botões lusentes; suas mangas alvissimas da camisa, a morrer no pulso com dois grossos alamares d'oiro; com os seus largos chapéos, todos ornados de pennas de pavão, e de fitas escarlatas: e com seus gentis cabellos loiros, a caír-lhes em franja sobre a testa, e em anneis sobre o pescoço, ao lado do elegante vareiro de jaqueta curta, e larga ciroula á moirama, a bater-lhe na perna nua e crestada.

E os sinos animavam esta scena com o seu agudo tintinar; e nas varandas e balcões do bello mosteiro avultavam elegantes grupos de damas e cavalheiros, a gosar tudo isto, e a dar as boas vindas ás differentes cavalgadas e carroagens, que das cercanias vinham concorrendo.

Dia grande era este, não tanto para nós como para o popular d'aquelles arredores. A romagem da Ascensão era de tempos immemoriaes uma obrigação e um culto que os religiosos do mosteiro animavam e protegiam com a sua egreja, as suas missas, os seus sermões edificantes e o seu orgam mistico e sonoro.

Desde o dia fatal, em que as portas do templo se abriram de par em par, á voz do executor d'esse decreto desorganisador, de irreverencia e exterminio, para saírem por ellas, corridos e abandonados os ricos monges de S. Marcos, expulsos do lar sancto, pelo qual haviam trocado o tecto de seus paes, despidos do habito religioso da sua ordem; arremessados sem abrigo e sem pão ao mundo vertiginoso d'aquella epocha, entre os sarcasmos das turbas immoraes; e de senhores tornados mendigos; de penitentes outra vez homens; e de servidores de Deus, talvez no desespêro da fome, escravos do demonio; — desde esse dia fatal, em que as portas abertas nunca mais se cerraram, para que livre entrasse o dissoluto, o impio, a mutilar as estatuas, a roubar os altares, a profanar as reliquias, a decapitar os sanctos, a arrancar tudo o que valesse um ceitil, a revolver as cinzas dos finados, e a cuspir na face de Deus, tambem aquelle dia sagrado de romaria ficou esquecido e morto para os bons, que fugiam de encarar as ruinas do asylo sancto da provecta penitencia.

Mas já largo me ía estendendo nas considerações d'esse decreto sacrilego, que junctou a tantas uma nodoa indelevel em a nossa mal aproveitada regeneração politica; e que, máu grado meu, veio afastar-me dos folguedos da romaria.

E como ía dizendo, essa romagem deixára de fazer-se desde 1834 até que o dono actual do mosteiro, homem chão, e de religiosa consciencia, a quem doeu tanto abandono das coisas sanctas d'aquella casa, reparou os estragos da profana devastação,

restituiu as imagens aos altares, a luz ás alampadas, o culto ao templo, a romagem aos devotos; e eis-ahi outra vez a multidão a cobrir de bençãos o homem bom, como de bençãos cobríra os bons religiosos dos passados tempos; e a calcar essa relva espessa, que houvera por nove annos crescido á vontade no terreiro tão ermo.

E veio a pêllo falarmos no dono da casa, que eil-o aqui está a receber-nos prasenteiro ao fundo da escadaria, com o seu joven filho, e nosso amigo, moço entre todos, e por todos estimadô, de boa feição, de bom coração, de boa alma, singelo e franco em o tracto, como seu pae; amigo de boa e delicada sociedade como sua mãe, e muito eximio na escultura, a que por curiosidade se déra desde os mais verdes annos; e que ahi exercitára largamente com seu mestre no reformar d'essas estatuas mutiladas, e d'esses relevos quebrados, que tão desveladamente vão acrescentando com mão larga.

A senhora da casa aguardava-nos no salão com as damas da festa; é uma senhora de bom parecer e delicadas maneiras, que com a sua cortesia captivou todos os numerosos convidados. Mas tempo vem de írmos aos nossos aposentos mudar de vestido, para assistirmos ao sancto sacrificio da Missa; e ahi mais de espaço, depois de desenfadados do caminho, diremos do salão, do dormitorio, e da vistosa varanda que percorremos de relance pelo braço do nosso amigo de viagem antes de mais nada.

José Freire de Serpa Pimentel.

(Concluir-se-ha.)

NOTICIAS.

BOM PRELADO.

3284 O nosso correspondente da *Marinha Grande*, o Sr. *Felix Baptista Vieira*, n'uma lönga carta, cheia de justo enthusiasmo, nos descreve os beneficios, que já se tem colhido e os que ainda se esperam n'aquelle districto, de possuirem um prelado como o que a Divina Providencia lhes concedeu na pessoa do Sr. D. Guilherme.

O espirito religioso (que todavia se não tinha amortecido, tanto alli como n'outras partes) reflorece de um modo admiravel, tanto no clero como no povo. — O pastor visita o rebanho com vigilancia e amor, consola-se conhecendo as suas ovelhas; e as suas ovelhas, conhecendo-o, não podem deixar de se melhorar.

O JUDEU CONVERSO EM EVORA.

3285 O Sr. David Ben-Sabath é descendente da antiga linhagem de Abraham e de Jacob, e cidadão marroquino; vassallo d'aquelle grande principe, rei, ou imperador (que não sei ao certo qual é a graça de sua alteza; mas como n'isto de tractamentos e titulos não ha que regatear, vá imperador) d'aquelle grande imperador, digo, que recebe páreas de Portugal, porque lh'as pede no seculo XIX, e que tantas das suas tem feito, que a final ahi arranjou contra si uma cruzada europea, ou coisa que tanto monta. — Pelo imperador ía-me esquecendo o judeu, não digo bem o ex-judeu. Vamos a elle.

David Ben-Sabath, depois de ter corrido muito mundo, vivia agora em Faro no reino, provincia, ou districto do Algarve, bem cuidadoso dos negocios d'esta vida, dando a melhor ordem que podia á extracção de suas mercadorias, mas mui desattento aos negocios da eternidade, quando (se houvermos de acreditar suas palavras) não uma, mas duas vezes a fio, lhe appareceu o proprio Nosso Senhor Jesu Christo, vestido já de branco, e já de asul; e com voz intelligivel lhe ordenou se baptizasse, e prometendo-lhe por galardão a bemaventurança. Rendeu-se logo David. ¿Mas como renegar a lei velha em Faro? ¡ em Faro, aonde tem um companheiro de negocio e caza, tambem circumcidado; em Faro, onde além de seu companheiro ha outros hebreus, e poderosos, e até uma sinagoga! — Parece que o homem se não achava muito resoluto a começar por onde outros teem acabado, quero dizer, pelo martyrio: e assim assentou comsigo aproveitar o ensejo de ir a Lisboa, por negocio de seu trafego, para, no borborinho da capital, poder mais a seu salvo levar á vante o já inabalavel proposito de entrar no gremio da egreja christã e catholica. — Elle em Lisboa, e elle com os padres inglezinhos, que o receberam como devemos suppôr, e é de esperar de suas pessoas; que o doctrinaram por espaço de um mez, e o dispunham para receber o primeiro dos Sacramentos da egreja, como cumpre áquelle que chega á pia já pelo seu pé. — Mas a impaciencia de David não se acommodava com a prudencia tardigrada dos bons dos padres inglezinhos. E de mais a mais, os outros malditos judeus de Lisboa podiam descobrir-lhe seus designios, e armar-lhe taes trapaças, que o botassem a perder, e o fizessem cessar de ser judeu antes de ser christão. — Nada, nada, disse elle lá comsigo. — Vamos a Setubal. — E de lá? — De lá a Alcacer. — E de Alcacer? — Isso não tem que perguntar. De Alcacer a Evora, que é terra, que, se teve judiaria, foi ha mais de tres seculos; terra onde nunca mais viveu judeu algum, salvo os solapados (mas esses ardiam no rocio) e aquelle que em 1823 tambem lá se baptizou, por signal para se cazar com uma rapariga, que não tinha nada de má, e a quem, no fim de pouco tempo, deixou com a familia acrescentada, e foi-se. — Mas eu (continuava elle) que sou homem já assente, que tenho a cabeça cheia de cabellos brancos, estou bem livre de suspeitarem que quero empregar o meu cabedal em negociações de amor; e provarei áquella gente a sinceridade da minha conversão.

Com effeito por vespera, ou por dia de S. Pedro, principe dos Apostolos, entra David em Evora. Não podia vir com melhor estrêa, nem trazer protecção de melhor patrono. Em Evora procurou a auctoridade competente, e relatou a sua historia, que nada tem de singular para um judeu, a não ser as duas dictas visões de Jesu Christo. Entregue a um sacerdote para ser doctrinado, acceitou sempre a cathequése com muita docilidade, e deu todas as mostras de que muito do coração abraçava a nova lei. Lá se torcia, é verdade, quando se lhe prorogavam os prazos do baptismo, porque foi mister prorogal-os para dar tempo a receber e confirmar as informações sobre sua pessoa.

Finalmente no domingo 28 de julho, um mez depois da sua chegada a Evora, por entre um numerosissimo concurso de espectadores e curiosos de todas as jerarchias, entra triumphante na sé da mesma cidade, e recebe da mão do Sr. Vigario geral go-

vernador do arcebispado, as aguas do baptismo, e se mostra mui contente de se ver entrado no catalogo dos fieis e crentes em Jesu Christo.

Diz-se que agora, mais senhor de si, lá se foi até Faro ajustar suas contas, e que transfere para Evora a sua pequena loja de capella. — Deus lhe dê com ella muitos lucros temporaes, e illumine cada vez mais o seu espirito para que nunca se arrependa de ser christão, e o seja tão bom que, a par dos lucros temporaes, faça jus aos da eterna bemaventurança, aonde folgaremos de o encontrar.

J. H. da Cunha Rivára.

SOBRE O MESMO·

(Communicado.)

3286 No dia 28 de julho de 1844, dominga 9.ª depois do Penthecostes, e ultima do mez, em que a egreja celebra a festa da gloriosa Santa Anna, pelas onze horas da manhã, na Santa Sé Metropolitana d'esta cidade de Evora, com assistencia de muitos membros do illm.º e rm.º cabido, do exm.º governador civil do districto, e dos illm.ºs juiz de direito da comarca, administrador do concelho, delegado do procurador regio, e de muitas outras pessoas do clero, e da nobreza d'esta cidade, e innumeravel concurso de povo de um e outro sexo, que espontaneamente concorreu a este acto: o vigario geral governador do arcebispado por S. Sanctidade, baptisou solemnemente, e poz os sanctos oleos a Antonio, que antes se chamava David Ben-Sabath, e declarou que nunca antes tinha sido baptisado, e que era judeu de nação e de religião, nascido e creado em Marrocos, onde viveu até á edade de trinta e cinco annos; e d'alli passou para Gibrartar ha oito annos, foi ao Brasil, e veio para Portugal, traficando sempre n'este giro, e vivendo como judeu; mas no passado mez de junho achando-se em Lisboa, fazendo seu negocio, alli foi tocado por Deus de um modo extraordinario, e tomou a resolução de se fazer christão para salvar sua alma: descobriu sua tenção a um reverendo Padre do Collegio dos Inglezinhos, pelo qual foi apresentado ao reverendo Padre Fr. Antonio de Castro, professor de linguas orientaes; mas achando alli grandes difficuldades em levar á execução o seu projecto por causa da opposição de outros judeus, veio a Setubal, e depois a Alcacer, pedindo ser baptisado, sem achar quem lhe administrasse o baptismo, mas achou quem o encaminhasse para Evora, e lhe aconselhasse que devia apresentar-se ao prelado diocesano. Logo que se apresentou, e expoz a sua pretenção ao vigario geral governador do arcebispado, este o mandou cathequisar pelo reverendo Padre Francisco de Almeida, que foi o ultimo prior do extincto convento dos Remedios, e recommendou ao mesmo reverendo cathequista que explorasse os motivos da conversão do cathecumeno, e os fundamentos da sua perseverança. Passadas quatro semanas de cathequese, em que o cathecumeno deu provas da sua sinceridade, perseverança, e docilidade em aprender a doctrina christã; pelas informações do reverendo cathequista, por alguns exames que lhe fez o mesmo vigario geral com outros ecclesiasticos, e por outras averiguações, a que procedeu, se resolveu a lhe administrar solemnemente o baptismo, como com effeito lh'o administrou no logar e tempo acima declarado, sendo padrinho o Illm.º e Exm.º João de Mesquita Pimentel de Pavia Fuzeiro Barreto de Roboredo, fidalgo da casa real, e pessoa da principal nobreza d'esta cidade; e madrinha a Illm.ª e Exm.ª Sr.ª D. Antonia Joanna da Costa de Macedo, da exm.ª casa de Mesquitella, e da principal nobreza do reino, ambos viuvos e moradores n'esta cidade. Depois da solemnidade do baptismo prégou o reverendo Padre Fr. Jeronimo Joaquim de Oliveira um discurso eloquente e religioso, analogo ao assumpto, e á occasião. Foram testemunhas todos os sobredictos, e innumeraveis outras pessoas, que presentes se achavam.

CONVENCER COM FACTOS·

(Carta.)

3287 Já em um artigo da *Revista*, um de seus dignos collaboradores (o Sr. Cascaes) ponderou, que risco corriam nossas vidas pelas poucas providenciadadas a respeito das cazas, que ameaçam ruina. O artigo leu-se, mas poz-se de parte, á espera dos factos; das sensações que é a balda, ou a bossa que agora domina na gente d'esta terra. — Pois ahi vae um facto: —

Na noite de 7 do corrente, um miseravel e vetustissimo cazarão, que tinha entrada pela rua da Boa-Vista, enraivecido e exasperado de tanto esperar pela salutifera picareta, que havia de metamorphoseal-o em elegante predio, deixou-se caír com tal fracasso que não só pôz em alarma todos os habitantes, mas tambem fez nutar em seus alicerces todos os edificios circumvisinhos; foram as honras sepulchraes d'este Nestor da cazaria: no seculo do *sentimentalismo*, tudo deve ser sentimental. — Com tudo não foi a sanha tão longe que se estendesse até aos pobres habitantes, que atordoados escaparam, fugindo para a rua: suspeita-se que o milagroso salvamento seria em attenção *á rainha da Grecia* que alli tinha seus quarteis de inverno, e pertendia emblematicamente significar a vetustade do seu reino — A madeira da caza resequida e tisnada pelos annos e pelo sol, aguarda a cada momento por uma cana de foguete incendiado, por uma ponta de cigarro, ou por algum bem intencionado rapasinho, que se queira interter com ella.

João Augusto Amaral Frazão.

O SIGILLO.

JUSTIFICAÇÃO.

3288 Os SEGUINTES documentos, que recebemos com satisfacção e com satisfacção publicamos, restituem, a um digno cura d'almas, o credito de que hoje sabemos que elle gosa geralmente; e de que algum malevolo e inimigo seu atroz o procura defraudar.

No artigo 3205 d'esta folha, levados do nosso zêlo, fomos innocentes instrumentos d'esse barbaro maleficio de que, envergonhadamente, lhe pedimos perdão; e esperamos obter até disculpa. Quem nos induziu a cairmos no êrro foi o ser a carta, que n'esse artigo se leu, assignada por um antigo correspondente nosso, sempre veridico e respeitavel; o qual (ousamos affirmal-o) quando assim enganava, era tambem enganado por informações, que deveu julgar sinceras e desapaixonadas.

Dos documentos, que seguem, o primeiro é admiravel pela compostura e mansidão, com que o inju-

riado se defende; contentando-se com expôr a verdade sem a deshonrar com vehemencias grosseiras, que nada provam em favor d'ella, e provam muito contra quem as adduz, mormente se é ecclesiastico e pastor.

Pesa-nos não poder dizer outro tanto do documento ultimo, cujo estylo nos parece menos proprio. Imprimimol-o com tudo por considerarmos, que a alteração de animo, que o auctor ahi mostra, é de certo modo nobilitada por se empregar em defensa de outrem e não na propria.

Illm.º Sr. Redactor da Revista Universal Lisbonense. — Tendo V. apresentado no seu muito acreditado jornal, [n.º 3295, vol. 4.º pag. 11] um alheio artigo com a epigraphe — Uma hora de Contricção — que todo tende a denegrir a minha honra, e caracter sacerdotal: cumpre-me rogar-lhe, queira dar tambem um logar nas columnas do mesmo jornal á minha defensa: refutando cabalmente d'este modo o diffamante libello, que o illm.º advogado José de Freitas Amorim Barboza levou contra mim.

Por esta occasião peço egualmente a todos os Srs. Redactores de jornaes, que trasladáram da *Revista Universal Lisbonense* o dito libello, queiram tambem estampar estas linhas com o titulo — *A verdade sem enfeites.*

» Em Portugal, (diz o Sr. Barbosa) fazem-se coisas que metem » medo a quem as vê, a quem as ouve e a quem as conta; » e em Portugal, accrescento eu, nos tempos da liberdade, dizem-se, escrevem-se e fazem-se coisas, que metem medo a quem as vê, a quem as ouve, e a quem as conta.

No dia nove de julho do presente anno, quando eu recolhido [como sempre estou] em minha caza, descançava um pouco dos trabalhos parochiaes, que n'esse dia tinham occorrido, fui chamado pela uma hora da tarde para confessar uma mulher, moradora no sitio de S. Roque, d'esta freguezia, e que d'ella faz parte. Logo que entrei a porta e vi a miseravel Maria Henriqueta, *jacentem in lectulo*, e juncto d'este um homem, que sustentava nos braços uma creança; recordei-me, de que na occasião de tomar a ról os meus freguezes antes da quaresma, me havia dicto o meu thesoireiro, e alguma visinhança, que alli moravam pessoas concubinarias. Cheguei-me á cabeceira da doente, e depois de a saudar com um *ave*, perguntei-lhe: que dias havia que se achava de cama, e qual dos facultativos a tratava: ao que respondeu com promptidão. Não aconteceu porém o mesmo, quando lhe procurei se eram cazados: ella demorando-se um pouco me respondeu que não: então indaguei qual o estado de ambos, ella balbuciante me disse ser viuva, e elle solteiro. » Ha tres annos que estou juncta com este ho- » mem que me trata muito bem » — e mais nada disse. Perguntei-lhe tambem aonde se tinha confessado, e ella respondeu que na freguezia da sua naturalidade, para onde tinha ido pela Pascoa; que não tinha trazido os escriptos mas que se fossem precisos com brevidade se apresentavam: disse-lhe que sim e comecei a ponderar a ambos com as pezadas e sérias reflexões, que n'aquella hora o meu fraco e limitado saber póde sugerir-me, o escandaloso estado em que viviam: propuz-lhes pois que deviam cazar sem perda de tempo, para satisfazerem a Deus, e ao mundo, e que n'este caso a sancta egreja, como mãe benigna, despensava parte das formalidades requeridas pelo S. C. T., e constituições dos bispados: portanto que se a sua consciencia lhe não dictava impedimento, aproveitassem a occasião de acabar o escandalo, como tambem de evitar a despeza que poderiam fazer fóra d'este caso: que eu ia participar ao illm.º sr. desembargador, servindo de vigario geral, este acontecimento, porque, como pessoas de fóra da freguezia, e de sitios para mim desconhecidos, forçoso era que désse este passo: que n'estas circumstancias eu lançava mão da penna, e elle mancebo que se desse ao trabalho de chegar a Santarem no mais curto espaço de tempo, e se não tinha mesmo para essa diminuta despeza eu o promptificava.

E logo em seguida consultando a vontade della, me disse que queria; mas que por emquanto não podia ser. Perguntando-lhe qual o motivo que obstava, nem um nem outro mo manifestou: instei e só ella disse — se elle quizer quero eu — Então elle com um tom aspero respondeu — só se fôr d'aqui a um anno, por agora não — ao que repliquei dizendo, ha de ser já; quando não queira, então separe-se, porque não consinto por mais tempo tal escandalo e principalmente n'esta occasião: a isto acudiu ella logo, isso não! — ¿ Então quem me ha de tractar? ¡ E se eu viver quem me ha de sustentar mais a minha filha! Nada isso não!.... Aqui conhecendo eu o estado da impenitencia empenhei outra vez a minha imaginação, e redobrei as reflexões todas adequadas para dispôl-a; porém nenhum signal de contricção, nem mesmo de atricção: a tudo me dava respostas seccas e deslavadas, taes como — se isso assim fosse então ninguem se salvava. Deus não manda ninguem para o inferno.

Vendo finalmente baldados todos os meus esforços, e faltando-me n'estas circumstancias a materia proxima, contricção e atricção, parte essencial do Sacramento da penitencia, para poder começar o acto Sacramental e fazer o signal da cruz, assentei [como estou persuadido e ensina qualquer auctor] que nenhum sacerdote, devia em caso similhante fazer um acto nullo: nem mesmo expôr o Sacramento ao perigo de nullidade muito provavel, por não dizer certa, porque a egreja póde suprir a falta de jurisdicção e approvação, e muitas vezes a supre no sacerdote, mas nunca supriu nem póde suprir a falta de materia. Em artigo de morte *nulla reservatio*; até o sacerdote não aprovado póde absolver quaesquer crimes; mas nenhum sacerdote, seja qual fôr a sua jurisdicção e auctoridade, póde confessar e absolver uma pessoa que nenhum signal dá de arrependimento e dôr, e que não quer banir a occazião proxima, e diz ao padre, — isso não: então quem me ha de tractar e sustentar. — Em tal altura o dever do confessor é excitar o penitente á dôr e arrependimento, e foi o que eu fiz; mas *opera et impensa periit*. Retirei-me porque outros encargos parochiaes me chamavam, tanto n'esta freguezia como na de Santa Martha, que dista uma legoa, e disse para a doente, se mudar de resolução mande-me chamar: e n'isto os deixei na mesma posição em que os encontrára, certo de que a doente não aprezentava um perigo de vida imminente. Eis-aqui a verdade núa e sem enfeites. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Tudo o mais que se seguiu a isto não o sei, nem tão pouco ainda até á hora, em que isto escrevo, alguem mo relatou: tambem a ninguem fallei em tal objecto, nem procurei auctoridade alguma para lhe denunciar o pouco que se havia passado; porque não era da competencia d'estas o examinar o meu procedimento a tal respeito, por ser um objecto alheio á sua alçada; nem eu podia requerer prisões por crimes que nunca me foram declarados, e que ainda ignoro e ainda que os soubesse tal não requereria; porque sei até onde chegam como empregado os limites da minha auctoridade. Geralmente se acredita n'esta villa, que ninguem sabe com individuação facto algum relativo á vida d'estes maltezes amancebados, e se alguem ha apareça!.. Diga o que se passou n'essa hora final!.... Mas ninguem sae a publico! Tudo se calla! Apenas alguns dictos de mulherinhas, sem outro fundamento mais do que o inventado pela maledicencia — » vão levados como a viração morna » da noite de estio por entre as folhas da faia e do freixo re- » morejar nos ouvidos » — do denunciante, que pega na penna e com um só rasgo, que parece mais imperioso e omnipotente do que o *fiat* expresso pela bocca do mesmo Deus, faz saltar — » do inferno ao céu tamanha peccadora » — sem pelo menos tocar as penas do purgatorio, aonde primeiro devia lavar as nodoas antigas da humanidade!....

Tenho exposto, Sr. Redactor, tão singelamente o facto que por todos os lados respira verdade; ha mais tempo que obedecendo ao preceito do Espirito Sancto — *curam habe de bono nomine*, — eu teria refutado taes calumnias; mas sómente hoje 6 de agosto me foram communicadas.

Agora, guardando para outro tribunal a refutação formal de cada uma das calumnias exaradas no libello difamante, tenho a honra de offerecer a V. os attestados das auctoridades, que muito bem mostram a falsidade de eu ser denunciante e sigilista.

Sou do Sr. Redactor com todo o respeito — Venerador e Servo. Almeirim 6 de agosto. O Parocho *Francisco Guilherme*.

João Paulo da Motta Cerveira, administrador d'este

concelho d'Almeirim etc. Attesto, e sendo necessario jurarei, em como procedi á captura d'Antonio Jorge, e João Jorge, que residiam n'esta villa em o sitio de S. Roque conjunctamente com uma mulher, que dizia chamar-se Maria Henriqueta, visto por informações que me deram algumas pessoas d'esta villa, de que os mesmos eram complices em um assassinato acontecido em o concelho de Torres-Novas: e outro sim attesto que sobre todos estes individuos não recebi do parocho d'esta freguezia, o reverendo Francisco Guilherme, esclarecimento nem informação alguma, nem com elle tive a mais pequena intelligencia ácerca da sua prisão: e por assim passar na verdade passo o presente que assigno.— Almeirim 5 d'Agosto de 1844. — *João Paulo da Motta Cerveira.*

Reconheço o signal supra. — Almeirim 6 d'agosto de 1844. — Em testimunho de verdade. — O tabellião — *Manuel José Godinho.*

Reconheço os signaes supra do tabellião: — Lisboa 8 d'agosto 1844. Em testimunho de verdade — *Antonio Pedro Barreto de Saldanha.*

Manuel Alberto da Silva, juiz ordinario do julgado d'Almeirim etc. Attesto, e se necessario for, júro aos Sanctos Evangelhos, que nunca o actual prior da freguezia de S. João Baptista da villa d'Almeirim me fez denuncia de crime commettido por algum de seus freguezes, ou outra qualquer pessoa, nem havendo a noticia pelo meio do seu ministerio na confissão, nem por outro qualquer modo, e porque tudo é verdade, passo o presente. — Almeirim 5 d'agosto de 1844. — *Manuel Alberto da Silva.*

Reconheço o signal supra. — Almeirim 6 d'agosto de 1844. — Em testimunho de verdade. — O tabellião — *Manuel José Godinho.*

Reconheço os signaes supra do tabellião. — Lisboa 8 d'agosto de 1844. — Em testimunho de verdade. — *Antonio Pedro Barreto de Saldanha.*

Desde que me foi presente o celeberrimo artigo 3205, denominado — «Uma hora de Contrição» — com que atirou para a *Revista Universal Lisbonense* o meu parochiano, o Sr. José de Freitas de Amorim Barbosa (n.° 1.° vol. 4.° pag. 11) advogado n'esta villa de Santarem, e freguezia de S. Nicolau, eu julguei de meu dever, averiguar factos, que podendo participar-me como a seu parocho, amigo, e servindo a vara de vigario geral n'esta villa, e arcediagado, seriam punidos, se fossem verdadeiros; e hoje, tendo sido por mim, com o auxilio das auctoridades locaes, esquadrinhados, são julgados aleivosos, e calumniosos, na parte em que pertendem denegrir, e criminar o comportamento do reverendo Francisco Guilherme, prior d'Almeirim, um dos parochos mais instruidos, e exemplares d'este arcediagado.

Este artigo despojado do merecimento poetico-romantico, que ninguem rouba ao seu auctor, e reduzido á verdade historica, ou ao aleive calumnioso, diz: — Que morreu em Almeirim Maria Henriqueta, onde residia ha septe annos, em companhia de dois homens, um qualificado marido, outro cunhado, e que n'estes septe annos corria fama, que a mulher não era casada; que desertára de Torres-Novas; que matára o marido conjunctamente com este supposto marido combinada, para se entregar toda ao diabo da carne. Diz mais o articulante, que esta fama, ou nunca chegou á noticia da auctoridade, ou a mesma auctoridade lhe não deu importancia: que a dicta Maria Henriqueta caíra gravemente enferma, e chamando o prior para a confessar, este lhe negou a absolvição, e foi revelar á justiça os crimes, que a mulher revelou pela confissão: que então a mulher abandonada confessára publicamente os seguintes crimes: que o homem com quem vivia era mancebo, e não marido: que elle, e ella o tinham matado para viverem livremente: que tinham matado dois filhos havidos do seu criminoso commercio: que se não confessava, havia septe annos!.... que pela declaração do prior, a justiça de Almeirim prendêra o supposto cunhado da penitente.

E deixando ao governo temporal o castigo, que o articulante propõe para a auctoridade, a quem a policia d'Almeirim está confiada, porque no espaço de septe annos não curára de investigar, *que mulher*, *e que homens eram estes*, pertence-me, na ausencia do Illm.° desembargador, vigario geral d'este arcediagado, levantar a luva, com que o paladino me atira para pedir conta a um confessor, que foi revelar o sigillo da confissão voluntariamente, e que em todos aquelles septe annos não soubera procurar aquella ovelha perdida para a tirar do peccado.

Primeiro, que tudo: — approveito esta occasião, como parocho de S. Nicolau, e gerente da auctoridade ecclesiastica n'este arcediagado, para chamar ao cumprimento d'este sagrado dever a tantas, e tantas almas, que, convertendo a liberdade em libertinagem, ou não cumprem tal dever ao menos na apparencia, ou não se dirigem ao seu parocho para com elle, ou com qualquer outro sacerdote de sua licença a cumprirem, e receberem a Sagrada Communhão Paschoal.

E voltando-me com a devida sisudeza para o exame dos gravissimos crimes, imputados ao reverendo prior d'Almeirim de sigillista, denunciante, e desmazelado por septe annos em trazer ao rebanho de Jesu Christo a ovelha perdida, direi com o devido respeito ao romantico articulante: — *Tu, hoc dicis, sed non probas!!!....*

1.° O prior d'Almeirim não confessou a fallecida Maria Henriqueta. Ergo: — não é, nem póde ser sigillista. Foi chamado pela uma hora da tarde do dia 9 de julho proximo preterito para a confessar, e a encontrou de cama em caza do supposto marido, achegado á mesma cama, e com uma creança nos braços; e perguntando a ambos, se eram casados, e declarando elles, que não; que ella era viuva, e elle solteiro, e que viviam amancebados ha tres annos; exhortou-os o prior, para se aproveitarem d'esta occasião, e se casarem de consciencia, sem fazer a menor despeza, participando elle prior esta occorrencia á auctoridade ecclesiastica, e até estando prompto a fazer a despeza da barca, e providenciar tudo o mais, que fosse necessario. A mulher estava prompta a principio, porém o mancebo disse: que só o faria d'ali a um anno, com o que a mulher por fim condescendeu; e tornaram inuteis todas as mais exhortações, que o parocho fez aos mesmos para entrarem no caminho da penitencia. N'estes termos, e n'esta impenitencia o parocho os deixou com aviso, de que, a qualquer hora que fosse chamado, appareceria, para

se levar a effeito a reconciliação com Jesu Christo, e sua egreja por meio dos sacerdotes. N'esta impenitencia se conservaram até ao dia seguinte, em que sómente se deu noticia ao parocho de ter fallecido a dicta Maria Henriqueta, e sem fazer declaração, ou revelação alguma; sendo falso quanto o articulante declara, ter acontecido por esta occasião.

2.° O prior d'Almeirim não foi denunciante, nem o podia ser um homem, que na carreira de sua vida exemplar, foi denunciado, perseguido, e finalmente preso como amante do governo de S. M. a Rainha, e Carta Constitucional da Monarquia; e estava reservado para ainda hoje ser denunciado, e perseguido tão atrozmente. A mesma imprensa, que gemeu com tantas calumnias, e aleives, esperamos, que se moralise, e se honre com a sua defeza.

3.° Tambem o parocho d'Almeirim não foi desmaselado, em por septe annos deixar de procurar a ovelha perdida. Primeiramente, o reverendo parocho começou a curar a egreja d'Almeirim em 24 de junho de 1843. — Secundo — os tres habitantes estavam sómente alguns dias, ou horas do dia n'uma casa no sitio de S. Roque, suburbio d'Almeirim, onde foram procurados pelo parocho, e nunca encontrados pela occasião de arrolar os seus freguezes antes da quaresma, e já então os visinhos lhe deram os nomes, porque os dictos tres habitantes eram alli conhecidos, e julgados por todos, como maltezes, e pessoas de pessimo procedimento. Demais os individuos, em logar de terem residido por septe annos na dicta freguezia de Almeirim, foi este o primeiro anno, em que seus nomes appareceram no competente rol da confissão, e não dados por elles.

E tendo eu satisfeito á publica espectação com a fiel exposição da verdade esquadrinhada, e sabida, resta-me — rogar ao respeitavel redactor do *Periodico dos Pobres* de Lisboa, que no n.° 91 — transcreveu o artigo da *Revista*, com a epigraphe — uma hora de contrição — mas sem assignatura do articulante, e a todos os outros Sr.^s Redactores dos jornaes, que assim atiraram com alhêas mentiras, aleives, e calumnias para o publico, se dignem egualmente, por honra e credito da imprensa, copiar este meu artigo.

Resta-me egualmente para satisfação da geração presente, e honra, e desagravo do clero, declarar: que em dez annos, nos quaes com differentes titulos tenho estado muitas vezes á testa dos negocios ecclesiasticos e sempre em observação do procedimento do respeitavel clero d'este arcediagado, nunca appareceu um só caso de sigillismo, ou o menor vislumbre d'este crime: o qual de certo teria sido punido com todo o rigor das penas canonicas.

Santarem 4 d'Agosto de 1844.

O Dezembargador chanceller, *João Antonio Pereira*, servindo de vigario geral.

SAPE GATO ASSANHADO.

3289 Já dois homens de barba na cara a jogarem o *sape gato*, são uma novidade, que se não a achassemos no cazal das *Barradas*, no concelho de Torres Vedras, havia de custar muito a encontrar. Era um vestigio, que ainda por alli ficou da edade de oiro, talvez o unico.

Jogavam dois compadres o *sape gato* na calmosa sésta de 4 do corrente: tinham jantado; servia-lhes de café; — os da edade de oiro e das eras patriarchaes tambem de certo não tomavam d'outro; differiam porém dos da edade de oiro em o jogarem a dinheiro, o que não admira porque o cazal das *Barradas* está na Europa e o anno a que pertencia este 4 de agosto era o do economico e positivo seculo decimo nono.

Punham no jogo todos os seus sentidos, empregavam todas as travessuras do estylo, e cada cinco réis perdidos davam á mão do jogador activo um notavel acccrescimo de rapidez e pêso sobre a do passivo: já as palmadas estoiravam cada vez mais alto e mais amiudadas, quando, de repente, o que estava debaixo se levantou, como inspirado, ás bofetadas no parceiro, que lhe pôz a cara n'uma lastima; seguindo-se uma desordem de pouca monta e prisão. A policia correccional deve ter terminado tudo a estas horas, pelo melhor modo, com uma exhortação muito proveitosa contra brincos de mãos, que ás vezes levam onde se não queria ír.

SINGULAR PHENOMENO DOS CASTANHEIROS.

3290 Leu-se no artigo 2606, em carta modestamente assignada por *uma obscura portuense*, que dois annos havia, íam murchando e morrendo n'aquella provincia os castanheiros visinhos da agua; a mesma senhora nos escreve em data de 29 de julho: —

» Alguns castanheiros que não tinha visto e que « nos annos anteriores escaparam, n'este se definham: « no meio do estio é que principiaram a descobrir « symptomas de destruição. »

« Este phenomeno merecia examinado, porque, tal- « vez do descobrimento das suas causas se podesse in- « ferir alguma regra util aos cultivadores da terra. »

INCENDIO RURAL.

3291 A 26 do passado foi posto fogo, á cinte segundo se crê, á charneca de *Sampayo e Val de Ferreira*.

¡Quem ressuscitára as antigas providencias legislativas contra incendiarios; e, ressuscitadas, as desse á execução! ¡Não ha genero de vingança mais covarde, nem mais atroz!

DOIS ENTERROS POR CAUSA DE UM.

3292 «Foi o caso na freguesia de Sancto Estevam das Galés, e no dia 31 do passado.

Morrêra um sujeito de morte mui pacifica, e poucos amigos o accompanharam até á ultima morada. Entre estes porém figuravam dois, que já ha muito andavam de rixa velha, e que a fatalidade quiz que ficassem um ao pé do outro. Começaram os apartes, cada um para seu lado, depois as reflexões mais e mais acrimoniosas. Ao regresso da funebre ceremonia, já das reflexões passavam ás injurias, logo das injurias ás violencias, e taes, e tantas e tão incarniçadas, que um dos contendores passou para a eternidade, no proprio campo de batalha. Nem a sublimidade e o desengano do espectaculo, que vinham de presenciar, poderam conter um resentimento coroado com tão tragico fim!

O aggressor desappareceu; mas ha toda a esperança de que possa ser capturado.»

Restauração.

PREMIOS.

3293 Não critico; lamento, que a distribuição de premios nas duas Escholas Polytechnica, e do Exercito, não fosse feita este anno com aquella solemnidade, que a lei tão sabiamente exige. A falta da casa apropriada, foi, segundo ouvimos, o motivo que a isso obrigou: — faça Deus, que para o proximo futuro anno lectivo os não haja.

Por nossa parte, ahi vão estampados os nomes dos alumnos premiados, que é quanto cabe em nossa alçada. *J. da C. C.*

ESCHOLA POLYTHECNICA.

1.ª *Cadeira.* — Luiz José de Mello, 1.º premio pecuniario. Antonio Joaquim José da Silva, 2.º dito. Emilio Larcher, 1.º premio honorifico. Pedro Francisco da Costa Alvarenga 2.º dito.

2.ª *Cadeira.* — José Venancio da Costa, 1.º premio pecuniario. Mariano Ghira, 2.º dito. José Maria da Fonseca, premio honorifico. Joaquim Eleuterio Vidal, idem. José Augusto Cesar das Neves Cabral, idem. Jaime Larcher, idem.

5.ª *Cadeira.* — José Maria da Fonseca, 1.º premio pecuniario.

6.ª *Cadeira.* — José Joaquim de Castro, 1.º pecuniario.

7.ª *Cadeira.* — Nuno Augusto de Brito Taborda, 1.º premio pecuniario.

9.ª *Cadeira.* — José Joaquim de Castro, 1.º premio pecuniario.

Não receberam por serem voluntarios: D. Luiz de Vasconcellos e Sousa na 2.ª cadeira premio honorifico, e o mesmo na 6.ª o 1.º premio pecuniario: na 7.ª cadeira Manuel Joaquim Coelho da Silva o 2.º premio pecuniario: e na 9.ª cadeira o 1.º pecuniario Joaquim Theotonio da Silva.

ESCHOLA DO EXERCITO.

1.ª *Cadeira.* — Manuel Rodrigues da Costa, 1.º pecuniario.

2.ª *Cadeira.* — José Joaquim Namorado, 1.º pecuniario. José Maria Cabral Calheiros, 2.º dito. José Maria da Ponte e Horta, 1.º honorifico. José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, 2.º dito.

3.ª *Cadeira.* — Francisco Izidoro Pereira, 1.º pecuniario.

4.ª *Cadeira.* — José Maria Latino Coelho, 1.º pecuniario. Manuel Rodrigues da Costa, 2.º dito. João d'Andrade Corvo, 1.º honorifico.

5.ª *Cadeira.* — 1.ª Parte. — José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, 1.º pecuniario.

2.ª Parte. — Francisco d'Assis Feijó, 1.º pecuniario. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, 2.º dito.

FILTRO DE PEDRA QUE PRODUZIU PAU.

3294 « Lá processo como aquelle é que nunca se viu nem ha-de tornar a vêr. ¿Uma rapariga levada á policia correccional por fazer cocegas a seu marido! e cocegas comprobativas de amor ardente! ¿e então nós, nós, a escrevermos isto? Sempre esta missão de escriptor tem espinhos! Apostamos porém que a *Revista Universal* não é capaz de copiar esta noticia. »

« O certo é que *** (da dama não queremos escrever o nome) foi educada em certo recolhimento, onde havia uma alma charidosa, que acreditava piamente na mirifica virtude de uma *pedra d'ara*, que possuia; fêl-a em mil pedaços, e não suppunha possivel dar maior prova de affecto a uma amiga, do que presenteal-a com um d'aquelles abençoados fragmentos, accompanhado das competentes instrucções, apenas sabia que a virgem passava ao estado de casada. »

« Entre as innumeraveis qualidades da pedrinha, avultava a de trazer para o rebanho as ovelhas desgarradas. O modo de applicar o remedio é o seguinte: mal se descobre que o marido começa a descaír dos enthusiasmos da lua de mel, e que a náu matrimonial principia a voltar a prôa para a lua de absinthio, se a metade fêmea tem interesse em resuscitar a primitiva paixão, embrulha muito bem a pedrinha n'um panno, espera que o conjuge ronque, e vae-se a elle, esfregando-lhe o espinhaço com toda a siria, e resando a *magnifica.* »

« Tudo se passou assim com a desventurada ***; mas era leve o somno do infiel, que, accordando antes do medicamento haver produsido todo o seu effeito, correspondeu a tanto amor com uma roda de pau, tão desalmada, que os visinhos accorreram aos gritos da operadora, e houve uma tal balburdia, que se seguiu um processo em policia correccional. Espera-se que a scena se não repita, porque a já consolada inconsolavel lavrou termo de não recuperar mais por tal arte amores de infieis. »

— Não podiamos acceitar mais pontualmente o desafio da *Restauração*, do que transcrevendo inteiro das suas columnas, o que se acaba de lêr, só com a ommissão de uma palavra: porque o epitheto de *inevitavel*, que ella ajuncta á *lua de absinthio*, temos a boa dicta de o reputarmos inteiramente falso. A *lua de absinthio* costuma vir, não ha duvida, apóz a *lua de mel;* mas probidade e juizo são conjuros efficacissimos para se lhe tolher o nascimento.

DECENCIA PUBLICA.

3295 Um *nosso leitor e assignante* nos pede que requiramos á Camara municipal, cuja intelligencia e zêlo são provados por muitas obras boas, mas a quem não é possivel que tudo lembre, se digne lançar das suas janellas os olhos ao bello cáes do *Terreiro do Paço,* que, muito frequentado em todo o tempo, n'estas calmosas noites do verão muito mais o é por homens e senhoras; d'onde lhe vem o honroso titulo que os passeantes lhe dão da Cintra dos pobres: alli verá juncto aos assentos e até por cima de alguns d'elles lagos de um liquido fétido que encommoda e enjôa, e que são procedidos e conservados pelo bruto e consentido costume de muitas pessoas sem educação, que, similhantes aos animaes, satisfazem ás necessidades da natureza, onde quer que ellas se lhes fazem sentir, sem escolha e sem pudor. O inveterado costume de tal immundicie — intende o nosso correspondente — que sem despeza se podia acabar de um dia para outro; recommendando-se á sentinella do mesmo cáes vigilancia e severidade n'esta parte da sua policia.

PIRRAÇA CATHOLICA Á DEUSA CERES.

3296 « Senhor regedor da parochia de..... Informe vossa mercê que cereaes ha este anno n'essa fre-

guezia e a sua quantidade; para eu fazer presente ao Sr. governador civil da Guarda.»

«Senhor administrador de...... D'isso é que nós cá não estamos muito abundantes: não ha senão dois de pau, muito velhos, que servem para acompanhar o Sanctissimo quando sae a fazer a sua obrigação. «

MARIDO ABANDONADO.

3297 «Vivia n'esta cidade a senhora ...... na companhia de seu marido o Sr. L. A., e de cinco filhos pequenos. Em sua casa recebia o marido ao seu Amigo o Sr. J. V., homem casado e com dois filhos, o qual, aproveitando-se d'esta franqueza, abusou d'ella, desinquietando a mulher do seu amigo, o qual, recolhendo-se a caza na noite de quarta feira, encontrou os cinco filhinhos sem sua mãe, que os tinha abandonado e a seu marido fugindo com o seu amante, caminho de *Arnellas*, onde embarcára. Teem sido baldadas as diligencias, que o marido abandonanado tem feito por descobrir a fugitiva.»

Periodico dos Pobres no Porto de 5 do corrente.

S. CARLOS.

3298 São tantos, e tão encontrados, os dictos, que por ahi correm ácerca dos proximos futuros do theatro de S. Carlos, que sendo este um objecto, que interessa a todos os amantes da musica, achámos conveniente examinal-o, e eis-aqui o que — julgando-nos bem informados — podemos dar n'este momento por mais certo.

A empreza tem laborado em graves dificuldades, que inimigos interessados injustamente lhe tem querido imputar: — mas espera poder levar ao cabo o desempenho das suas obrigações, se algum acontecimento imprevisto não vier confundir os seus projectos, como pouco ha lhe aconteceu com o subito revez de tres mezes de guerra civil. O termo médio da receita da porta, desde 16 de septembro até 31 de maio foi de 151$000 réis, isto é faltou em cada récita, para se equilibrar a receita com a respectiva despeza, a quantia de 116$000 réis; o que somma nos dictos mezes uma perda de 5:916$000 réis, emvez dos lucros que deviam naturalmente resultar do carnaval e do numero das peças novas, que foi maior nas 51 representações ultimas que nas 70 precedentes: além d'isto houve a diminuição de 900$000 réis de assignaturas e a de 1:200$000 réis nos bailes do entrudo e da quaresma, porque emvez de cinco unicamente se deram quatro, tres dos quaes não cobriram as suas despezas e um só deixou um lucro insignificante. Segue-se que em consequencia das dissenções politicas armadas, a empreza perdeu (o que aliás não haveria perdido) a quantia pouco mais ou menos de oito contos de réis.

Mas não foi esta a sua unica desvantagem.

O contracto da empreza com o governo tinha sido feito, não se póde negar, sem discernimento nem previdencia por parte dos aspirantes a emprezarios: queriam ficar com o theatro fosse como fosse: e para isso não só acceitaram quantos onus se lhe propozeram (e alguns dos quaes se haveriam podido dispensar), mas (coisa incrivel) offereceram elles mesmos obrigar-se a novos onus, inteiramente superiores ás suas forças. O governo, convencido de que a receita da porta do theatro e o subsidio, que pelas côrtes lhe fôra decretado, não bastavam para o poderem ter aberto todo o anno, só exigia que trabalhassem os seis mezes de inverno, que são em toda a parte os da safra theatral: mas os emprezarios, no excesso da sua imprudente gratidão, inexperientes e irreflexivos, comprometteram-se de mais a solemnisar, com espectaculos, os dias de gala nos seis mezes em que o theatro é deserto e improductivo: por outra, obrigaram-se a ter todo o anno aqui uma companhia dispendiosissima, de que só meio anno podiam colher algum fructo. D'este modo, emvez de gosarem de um subsidio de quatro contos por mez, durante a quadra prospera, condemnaram-se a não terem mais subsidio de que só dois contos mensaes, carregando com o pêso todo da estação morta. Não parou aqui a imprudencia: sujeitando-se espontaneamente a todos estes males, que não souberam calcular, os emprezarios consentiram, em que lhe fossem suspendidos os pagamentos do subsidio n'estes mesmos seis mezes de verão já tão passivos.

De mais, as despezas do primeiro anno, que, segundo todos sabem, são incomparavelmente mais pesadas que as dos seguintes, á conta das viagens que se pagam aos artistas, dos adiantamentos que se lhes fazem, e de mil preparos e arranjos novos, não podiam deixar de contribuir tambem muito para os apuros da empreza. Accrescente-se a isto, o baldado de algumas escripturas, os prejuizos que Madame *Olivier* occasionou, muito reaes e muito graves, as exigencias exorbitantes de Madame *Rossi*, ás quaes a empreza não póde deixar de se render para não affugentar o publico, uma orchéstra que absorve (; quem o julgaria possivel se a palavra magica de colligação, isto é, monopolio, o não explicasse!) a sexta parte de toda a receita theatral; e confessar-se-ha que se alguma coisa deve espantar é ver, que esta empreza, que não tem os cabedaes do conde do Farrobo, nem os do contracto do tabaco, não caíu ainda exhausta em tão dura e porfiosa lucta com inimigos implacaveis.

Felizmente (graças á nova e judiciosa direcção do Sr. *Cambiagio*) as mais espinhosas dificuldades parecem estar supplantadas e o mal é muito menor do que se temia.

O mez de novembro já não tarda; chegado elle, este corpo, que já se julgava morto, recobrará novas forças. Entretanto realisaram-se importantes reformas, e outras ainda mais importantes se vão realisar. Economia sem mesquinheza, administração vigilante em todos os sentidos, pontualidade escrupulosa no desempenho de todas as obrigações preteritas, presentes e futuras, vão ser, segundo nos affirmam, e são já o timbre da empreza, instruida pelos seus proprios desastres e pelos conselhos de um director leal e versado por longa pratica n'este genero de negocios. Restam ainda a esta empreza, por uma estação má, duas boas. E' de esperar que terminará a sua carreira honrosamente.

N'outro numero voltaremos a este assumpto, com mais algumas particularidades, que a extensão, já sobeja d'este artigo, nos não permitte tocar hoje.